

# Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

## O Herói Ilidíaco e a Questão da Euforia Guerreira

Vania Maria Moragas Ferreira

Mestre em Estudos Clássicos pela UFMG

vaniamoragas@yahoo.com.br

“O guerreiro caminha por um estreito atalho em busca de sua *areté*, de uma atuação que deixe na memória dos homens o legado de sua força e destreza, de sua valentia e honra. E, todavia, nessa difícil busca a ameaça da *ate*: essa espécie de loucura que cega os heróis, imprime em seu coração de guerreiro a certeza do risco contante da transgressão. Um estreito atalho, em suma, cujas linhas estão indissolúvelmente traçadas na esteira do destino, da *moira*, que se impõe tanto aos homens como aos deuses”.

Quando se trata da *Ilíada* é desnecessário falarmos da grandiosidade desta obra, uma vez que tem, ao longo dos tempos, suscitado as mais diversas análises, sobre inúmeros aspectos, que podem ser tratados em conjunto ou separadamente sem, contudo, esgotar o tema. Um dos aspectos que mais chama a atenção nessa obra é, sem dúvida, o herói e o que ele representa não só na poesia épica como também dentro da cultura grega aristocrática.

O que nos propomos, neste artigo, é destacar algumas situações em que a euforia guerreira pode deixar a *areté*, passar pela *hybris* e chegar à *ate*, com conseqüências irreparáveis, sendo atribuída, na maioria das vezes à interferência divina. Antes porém de entrarmos na questão proposta, julgamos oportuno falarmos um pouco dos conceitos dessas palavras e do herói ilidíaco.

Encontramos a tradução da palavra *areté* como virtude, mas acreditamos que a melhor tradução para esta palavra seja excelência, já que a palavra virtude pode nos conduzir a um pensamento voltado para o cristão. Essa palavra tem grande importância na Grécia antiga, pois está ligada a um modo de pensar a educação pelo qual se pretende chegar a forma verdadeira de ser homem, sua autenticidade. A palavra *areté* indicaria essa superioridade guerreira, a excelência que distingue o herói dos demais, pois o herói não é

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

visto como um ser qualquer e sim como aquele que vive sua condição heróica no limite entre o humano e o divino. Sua mortalidade marca seu lado humano e suas qualidades excepcionais o aproximam do divino. Como afirma Francisco Murari Pires (PIRES, 1996/1997:153): “Qualificações de melhor e primeiro definem a excepcionalidade da excelência, da *areté*, de sua dignidade guerreira”.

*Hybris* é a palavra que remete ao excesso, a falta de medida. O excesso de autoconfiança leva o herói a acreditar que pode tudo e ao realizar façanhas é tomado por uma súbita loucura e acaba por tomar decisões insanas . Essa espécie de loucura súbita é a *ate* e levará o herói , uma falta de limites que será fatal tanto para o herói quanto para o grupo a que ele pertence.

A respeito do herói ilidíaco , podemos dizer que é um modelo de homem nobre e guerreiro. Nobre porque faz parte da aristocracia e guerreiro pela coragem e determinação em combates, tendo como propósito mostrar-se superior aos outros e, principalmente, inscrever seu nome na memória das gerações futuras.

Para isso, o herói precisa destacar-se tanto por seus feitos heróicos como pela sua capacidade intelectual. A importância da união do corpo e da mente traz ao herói a completude e isso comprova-se nas palavras de Fênix à Aquiles ao descrever a missão que lhe foi confiada por Peleu : “enviou-me para ensinar-te tudo isso, para tornar-te apto a falar e capaz de agir.” (*Il. IX, 154*) .

A busca por um ideal de perfeição faz do herói um ser notável, com atributos que o acompanharão como epítetos e trarão, a esse herói, honra e glória. Dentre outros, temos o reconhecimento de Aquiles por sua capacidade ofensiva, de Ájax pela resistência defensiva, de Ulisses por sua astúcia . Todos, sem exceção, conhecem a exata dimensão de suas qualidades e esperam ser reconhecidos por isso. Mas, em meio a tantos heróis seria possível escolhermos, entre eles, um que se destacasse e fosse considerado o melhor?

Seria difícil a escolha, já que esta poderia incorrer em erro de julgamento e até mesmo ser considerada tendenciosa, uma vez que cada um, a sua maneira, é o melhor naquilo que se propõe a fazer. Ou então poderíamos, na tentativa de responder a pergunta, adotar uma postura igual a de Gregory Nagy, (NAGY, 1979: 15-58) , dizendo que Aquiles seria o melhor na *Ilíada* e Ulisses o melhor na *Odisséia*.

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

Evidentemente, a escolha do melhor guerreiro é instigante, mas, por agora, deixaremos essa problemática, tendo em vista que o debate dessa questão fugiria ao nosso objetivo aqui proposto.

Sabemos que o herói procura se imortalizar e para tal não é suficiente ser naturalmente dotado de virtudes. É preciso que essas virtudes sejam reconhecidas pelos companheiros e também pelos adversários. Diante disso, torna-se evidente que o não reconhecimento das qualidades do herói pelo grupo e pelos outros é, para ele, motivo de desonra e, uma vez desonrado, o herói reage como ocorreu nos cantos I e II entre Agamêmnon e Aquiles. Aquele, diante da necessidade de devolver Criseida, usa seu poder político e arrebatou deste o seu despojo de guerra (Briseida). Essa é a primeira ação desastrosa da *Ilíada* e a causa de grandes prejuízos para os Aqueus, pois Aquiles, indignado, retira-se do combate.

Ora, se atentarmos para as circunstâncias que envolvem a cena e para as ações adotadas pelos protagonistas, veremos que o que temos aqui são heróis individualistas e egoístas. Agem como se só a vontade deles importasse e colocam em risco a vida dos companheiros e até mesmo a vitória no campo de batalha. Notamos que nessa ideologia individualista, a vontade do herói torna-se a medida de todas as coisas e esse modo de ver faz com que o herói, diante da indignação e da desonra, tome atitudes extremas, insensatas e inconseqüentes sem perceber que a *areté* dá lugar à *ate*.

Uma maneira de justificar a ação humana é atribuir estas ações aos deuses. Hugh Lloyd-Jones, (JONES, 1983:3), diz que : “a ação na *Ilíada* se dá em dois planos, um humano e um divino, estreitamente ligados por vários caminhos em que os deuses influenciam o comportamento humano”.

Apesar disso, não temos na cena que marca o início da cólera de Aquiles, nenhum sinal de interferência divina na ação humana. Como nos lembra Teodoro Rennó Assunção (ASSUNÇÃO 2005:4), “ a ação originária da cólera é, portanto, um erro demasiado humano mais grave do chefe de um exército em campanha, erro que não é descrito como tendo sido suscitado por um deus.”

Ao longo da *Ilíada* nos deparamos com inúmeras ações divinas e humanas e que essas ações são vistas como formas de se cumprir o plano de Zeus. Devido a isso, a guerra

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

de Tróia seria um plano de Zeus para aliviar a superfície da Terra. Contudo, há momentos em que a ação divina se dá seguida por uma ação humana e outros em que há uma inversão na ordem das ações e é importante salientarmos que nem toda ação é determinada pelos deuses e que mesmo que a ação seja obra do divino, não tira a responsabilidade da ação presente nos humanos.

Tomemos como exemplo a cena em que Pátroclo veste a armadura de Aquiles e vai para o campo de batalha. Porém, antes de seguir para a luta, é orientado por Aquiles :

“Repelindo o inimigo dos navios, volta, ainda que o tonante esposo de Hera te permita conquistar a glória; não queiras, sem mim, combater os belicosos Troianos: far-me-ias honrar menos. Nem conduzas teus soldados para Ílion, na alegria da guerra e da carnagem, matando os Troianos, a fim de que não desça do Olimpo um dos deuses eternos; os Troianos são muito queridos de Apolo, que afasta de longe. Volta-te, quando houveres ascendido a luz da salvação sobre os navios; e deixa que lutem os outros na planície.” (*Il. XVI,278*).

Pátroclo poderia ter recuado, em diversas ocasiões, durante o combate, mas não o fez. Em sua euforia guerreira é tomado pela *ate* e no canto XVI suas ações são assim descritas: “Patroclo, excitando os cavalos e Automedonte, perseguia Troianos e Lícios, e grande foi seu desvario. Insensato! Houvesse seguido as instruções do filho de Peleu, e decerto teria escapado à ruim divindade da morte negra.” (p. 293) .

Até mesmo o deus Apolo o adverte para que retire-se do combate : “Retira-te, descendente de Zeus, Pátroclo ! Não está destinada a cidade dos altivos Troianos a ser devastada por tua lança, nem por Aquiles, que, no entanto, é bem melhor do que tu.” (p. 294). E nem assim ele recua. Pátroclo não renuncia matar e por isso morrerá. Agindo de maneira desmedida ele se sacrifica e acaba por levar Aquiles a retomar os combates junto aos Aqueus.

A análise de Albin Lesky, em *Motivation by Gods and Men*, a respeito dessa cena mostra que Pátroclo foi vítima do desastre por sua falta de moderação (*hybris*) e por não ter seguido os conselhos de Aquiles, mas aponta as ações desse herói como sendo “parte do plano de Zeus”.

Neste sentido, diríamos que a ação humana e os planos divinos se completam. Entretanto, não devemos levar longe demais estas associações, já que não é para agradar

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

aos deuses que os heróis agem. Somos sabedores de que o herói pretende demonstrar sua excelência guerreira e no impulso acaba extrapolando, passa ao desvario e deixa de lado qualquer conselho seja ele humano ou divino.

Outra situação de *ate* que não poderíamos deixar passar despercebida é quando Heitor se esquece do aviso, da deusa Íris, de que a vitória dos Troianos seria temporária, já que duraria somente até o final do dia. Por causa de seu esquecimento, é tomado pela *ate* e diante da proposta de recuo feita por um membro da assembléia, Heitor reage :

“Polidamas, cessas de agradar-me falando assim, tu que nos aconselha a ficar na cidade depois de voltarmos a ela.” E ainda : “Mas agora que o filho de Cronos de espírito sutil me concedeu recolher a glória, junto das quilhas, e empurrar para o mar os Aqueus, insensato ! não tornes a enunciar essas pensamentos diante do povo. Nenhum Troiano te seguirá: não o permitirei.” (*Il, XVIII, 326*) .

Tardiamente, Heitor reconheceu seu erro. Sentiu vergonha por ter recusado a proposta da assembléia , porém sabia que se recuasse, naquele momento, seria questionado. Seu excesso de responsabilidade foi fatal tanto para ele como para muitos Troianos e isso também ele reconheceu:

“... Se eu transpuser estas portas, Polidamas será o primeiro a cobrir-me de censuras, ele que me sugeriu trazer os Troianos para a cidade, no princípio desta noite funesta em que se levantou o divino Aquiles. Mas não o ouvi, e sua sugestão era bem melhor. Agora perdi as tropas por minha presunção, receio os Troianos e as Troianas de véus roçagantes e que alguém me diga, sem me valer : Heitor, por confiar em suas forças, perdeu as tropas.” (*Il, XXII, 380*) .

Merecem nossa observação, ainda, dois episódios diretamente relacionados às ações de Heitor . No primeiro remete-mo-nos ao canto XV, em que Zeus traça à Hera um roteiro, ainda que minimizado, dos acontecimentos futuros:

“...que Heitor seja impelido ao combate por Febo Apolo, e este lhe reanime o ardor, dissipe as dores que agora lhe atormentam os sentidos, e faça em troca que lhe voltem as costas os Aqueus, inspirando-lhes uma fuga sem valor; e para que esses fujões caiam junto dos navios de inúmeros remeiros do filho de Peleu, Aquiles. Este fará levantar-se o amigo, Pátroclo, que cairá sob a lança do ilustre Heitor, defronte de Ílion, depois de haver matado muitos jovens, entre os quais

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

meu filho, o divino Sarpédon. Furioso com a morte de Pátroclo, o divino Aquiles matará Heitor.” (*Il*, XV, 258) .

No segundo episódio, já no canto XVIII , há uma interferência divina no tempo de duração do dia em que é concedida uma vitória parcial aos Troianos e o período é reduzido, conforme transcrevemos a seguir: “A venerável Hera de olhos de novilha mandou o sol infatigável, mau grado seu, para o curso do oceano. Nele mergulhou o sol, e os divinos Aqueus cessaram a rude batalha e o combate igual.” (*Il*, XVIII, 325) . Essa passagem nos causa uma estranha surpresa, pois se Hera acelera o curso do sol, curiosamente ela assume a função de Zeus e apressa assim, a vitória dos Aqueus. Isso mostra que a *Ilíada* não é só um resultado da vontade de Zeus, mas também da interferência de outros deuses, muito embora o curso da guerra esteja definido por Zeus, que tem a palavra final.

Evidencia-se, dessa forma, o destino da cidade Troiana, pois não tem como Tróia não ser destruída, mas para isso é preciso que Heitor tenha seu momento de glória, o que inclui a morte de Pátroclo, para que Aquiles volte a combater e mate Heitor.

Ao analisarmos as ações humanas vemos que é particularmente interessante, a explicação dada pelos heróis, a fim de justificar o excesso em suas ações. Não tendo outra alternativa senão reconhecer o erro, cabe a eles declararem-se culpados ou, como fizeram, atribuir a culpa aos deuses.

Agamêmnon afirma : “Mas a culpa não é minha: é de Zeus, é do Destino, é da obscura Erinis, que, na assembléia, mergulharam minha alma em selvagem cegueira, quando eu mesmo arrebatei a Aquiles sua recompensa.” (*Il*, XIX,338).

Aquiles, por sua vez, também culpa Zeus pelo ocorrido: “Zeus Pai, grandíssimos são os desvarios que dás aos homens. Nunca me teria o Atrida conturbado o coração no peito, nunca teria arrancado de mim essa mulher, mau grado meu, com o coração inflexível. Mas Zeus queria, então, a morte de muitos Aqueus...” (*Il*, XIX, 343).

Pátroclo não reconhece sua *ate* e atribui sua derrota à Zeus e Apolo :

“Agora, Heitor, triunfa bem . Deram-te a vitória Zeus filho de Cronos e Apolo, que facilmente me subjugaram: pois eles mesmos me arrancaram as armas dos

## Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.69-76

ombros ! Se vinte homens como tu me tivessem afrontado, todos, de golpe, teriam perecido, suplantados por minha lança. Mas a mim, foram o destino funesto e o filho de Latona que me mataram e, entre os homens, Euforbo. Chegaste em terceiro lugar, e agora me despojas !” ( *Il* , XVI , 297).

Somente Heitor reconhece, embora tardiamente, sua insensatez, como já mencionamos anteriormente.

Parece estranho que homens com tantas qualidades possam, em algum momento, agir de forma tão insensata, porém aceitar a desonra ou recuar no campo de batalha é, na concepção heróica, demonstração de fraqueza e isso fere o objetivo do herói que é ser lembrado por gerações futuras, alcançando a glória. Para o herói é preciso, sem demora, realizar façanhas, posto que ele deve optar entre uma vida breve, mas gloriosa, e uma vida longa, isenta de grandes feitos.

Entendendo que na base desse conflito do herói na escolha entre a glória e o retorno encontra-se a questão real da valorização da morte jovem em confronto com o retorno e uma vida longa, questiona-se o valor dessa empresa guerreira, pois embora haja na guerra uma dimensão comunitária pode, muitas vezes, gerar conflitos abissais para o homem frente ao mundo que o rodeia.

A glória não seria exatamente morrer, mas matar. Pois se a glória de um está na breve morte, maior glória é de quem o mata. A glória se daria não pela morte em si, mas pela grandeza de atos anteriores.

Consideramos que as ações dos heróis, acima examinadas, são representativas para a compreensão da euforia guerreira e de sua evolução da *areté* à *ate* , bem como das conseqüências desastrosas que essa mudança de comportamento excessiva causou . Portanto, podemos dizer que para alcançar seus objetivos o herói ilidíaco age, com ou sem a interferência dos deuses e muitas vezes com insensatez. É certo que o plano divino, na *Ilíada*, foi plenamente executado, mas a ação humana teve suas escolhas e responsabilidades. Os humanos pensaram, deliberaram, assumiram responsabilidades, e não se comportaram como meros fantoches.

Referências

**Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/  
Semestre II/2008/pp.69-76**

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. *Ação Divina e Construção da Trama nos Cantos I e II da Ilíada*. Letras clássicas: São Paulo, v. 5, p. 63-77, 2005.

FINKELBERG, M. *Time ans Arete in Homer*. In : Classical Quarterly 48 (i) 14-28 , 1998 .  
Printed in Great Britain .

HOMERO. *Ilíada* . (trad. Octávio Mendes Cajado) São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1961.

LESKY, Albin . *Motivation by Gods and Men* . In ; HOMER Critical Assessments ( translated from the German by H. M. Harvey ). Vol II . Ed. By Irene J. F. de Jong . London and New York

LLOYD-JONES, Hugh . *The Justice of Zeus* . 2 ed. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1983.

NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans*. Baltimore : The Johns Hpkins Univesity Press, 1979 (cap. 1, 2, 3 – p. 15-58)

PIRES, Francisco Murari. *A Areté Heróica e a Guerra de Tróia : O melhor dos Aqueus (Aquiles, Ajax e Odisseu)*. In : Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo. Publ. Anual v. 9/10 . n. 9/10 , 1996/1997 . p. 145-162 .

VERNANT , Jean Pierre . *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado* . (Trad. E. Kossovitch e J. A. Hansen), Discurso 9 (1979), 31-62. As origens do pensamento grego ( trad. Ísis B.B. da Fonseca). São Paulo : DIFEL, 1984 ( 4º ed.).